

## NOTAS PARA A HISTÓRIA DA CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS E LEITURAS LIBERTÁRIAS NO BRASIL E EM PORTUGAL NO SÉCULO XX.

Allyson Bruno Viana<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19980969>

19

### RESUMO:

O presente artigo objetiva analisar o lugar que a circulação de impressos e as práticas de leitura tiveram na autoformação, informação e intervenção social promovidas por militantes anarquistas entre Brasil e Portugal nas primeiras décadas do século XX. Destacamos o papel das práticas educativas e culturais do movimento libertário como um destacado traço de sua militância, uma vez que sua própria concepção de transformação social passava pela necessidade de uma mudança de sensibilidades, e da formação de homens e mulheres comprometidos com os valores da liberdade, do apoio-mútuo e do antiautoritarismo. Apoiados em uma História do Livro e da Leitura, abordamos periódicos, livros, brochuras, boletins, correspondências e discutimos seu papel na formação das consciências contestatórias libertárias.

Palavras-chave: Impressos, Leitura, Anarquismo.

### ABSTRACT:

This article aims to analyze the role that the circulation of printed matter and reading practices played in the self-education, information, and social intervention promoted by anarchist activists between Brazil and Portugal in the early decades of the 20th century. We highlight the role of the libertarian movement's educational and cultural practices as a prominent feature of their activism, since their very conception of social transformation required a shift in sensibilities and the formation of men and women committed to the values of freedom, mutual aid, and anti-authoritarianism. Based on a History of Books and Reading, we address periodicals, books, brochures, bulletins, and correspondence and discuss their role in the formation of libertarian protest consciousness.

Keywords: Printed Matter, Reading, Anarchism

*Como o homem tem um potencial imenso voltado para a vontade de conhecer, isso tem que ser canalizado para procurar saber cada vez mais, sem limitações. Essa experiência de procurar o conhecimento eu vi em todos os militantes anarquistas, que não tinham freqüentado os bancos escolares. Liam seus livros e, sempre que saía um livro novo, liam, estavam sempre estudando e discutindo no Centro de Cultura.*

Jaime Cubero

*[...]Quando julgava interpretar uma página ardente de Rousseau, um pensamento excelso de Platão, uma teoria de Spencer, quando sentia a filosofia de Guerra Junqueiro, o amor de Tolstoi ou de Kropotkin, a poesia de Goethe, –*

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

*as lágrimas quase me banhavam o rosto, e prosseguia enlevada. [...] Compreendi a grande necessidade de educar o meu espírito, aprendi a ler, a armazenar os conhecimentos adquiridos, a arrostar com as dificuldades que apareciam a cada momento. [...] E tive pena das mulheres que não lêem.*

Maria Lacerda de Moura

*Adotei essa profissão [amolador de facas] por duas razões fundamentais: primeiro porque me deixava livre, para sempre, da figura do patrão; segundo, porque me deixava mais tempo para ler.*

Rafael Fernandez

20

O anarquismo, desde a sua constituição em movimento político, em meio às correntes que deram corpo ao socialismo em meados do oitocentos, prima por uma concepção particular da transformação social ancorada no que se pode considerar um dos mais longevos projetos da militância ácrata: a difusão de uma cultura libertária, vista como imprescindível à construção de novas relações sociais. A emergência dessa nova “cultura”, aqui entendida na acepção larga de Williams (1969), englobando todo um “modo de vida”, tem centralidade no projeto de transformação anarquista, não podendo ser considerada mera ferramenta para a revolução social, senão parte da própria revolução. O lugar que a educação tem entre as idéias e práticas libertárias atesta essa convicção:

O fato de terem sido os anarquistas os principais pioneiros em atividades como teatro, educação musical, práticas de leitura, criação de escolas e universidades populares, não é casual. E, por esta razão, não é casual também que velhos militantes operários, anarquistas ou não, considerem até hoje que foi educando que os libertários mais contribuíram para a constituição da identidade da classe trabalhadora (Gomes, 1988, p. 92).

Um ideal de educação que projeta a formação de mulheres e homens imbuídos de valores de solidariedade, apoio-mútuo, igualdade, justiça e autonomia – condição básica para qualquer transformação social mediada pelo socialismo libertário - perpassou as atividades do movimento anarquista através de épocas e lugares (Litvak, 2001; Foot Hardman, 2002). E essa difusão de valores teve no autodidatismo, no aperfeiçoamento moral e intelectual, na circulação de livros e leituras e na permanente defesa da educação necessariamente associada ao princípio da autonomia, seus pontos de destaque.

Aqui se pretende pôr acento em um capítulo específico desta faina, qual seja, o papel que as práticas de leitura desempenharam no projeto político dos anarquistas. A imprensa libertária, objeto de numerosos estudos, foi um dos pontos principais dessa atividade militante; lugar, por definição, do

movimento das ideias. A ela juntaram-se os livros, folhetos, manifestos, panfletos e outros impressos que expunham os princípios libertários. Do amálgama formado por estes e as campanhas de difusão que os seguiam, juntamente com o florescer dos centros de estudos, a criação de bibliotecas sociais, o oferecimento de conferências e cursos, a criação de organizações editoriais específicas, que produziam e punham em circulação a literatura libertária, se pode perceber algo do lugar destacado que ocuparam o autodidatismo, a leitura e a instrução na cultura política anarquista.

O internacionalismo, princípio basilar do anarquismo, estimulou os ácratas à manutenção de redes de correspondência que puseram em contato militantes de vários países. Nesse trânsito de pessoas e idéias possibilitado, entre outras formas, pela propaganda, pela imigração ou pelo exílio, a circulação de impressos e práticas de leitura entre Portugal e o Brasil merece destaque. Primeiramente, desde finais do século XIX, quando vinham de Portugal jornais, opúsculos, folhetos, revistas que contribuíram à formação das consciências libertárias no Brasil. Depois, cruzando o Atlântico no sentido contrário, quando do Brasil partiam jornais e livros proscritos que desafiavam a censura e a repressão da ditadura salazarista.

Cabe mencionar, contudo, que entre a profusão de novos estudos sobre a edição, a circulação dos impressos e a leitura, o episódio da atividade editorial libertária e de suas práticas de leitura restam como terreno ainda pouco explorado. As pesquisas que tem por foco os impressos e a bibliografia libertários alargam o conhecimento sobre a cultura operária e o lugar da leitura na formação da consciência social dos trabalhadores. Nesse sentido, a imprensa social é um manancial de informações valiosas sobre livros e folhetos que eram editados, traduzidos, publicados em excertos ou anunciados nas recorrentes colunas de *Leituras que recomendamos* ou *O que todos devem ler*, muitas vezes disponibilizados à venda aos leitores, por via postal. Estas listas de publicações, e as informações a respeito de sua difusão, são indicadores da formação de bibliotecas voltadas ao pensamento social e libertário, “além de revelarem quais as obras que correspondiam à preocupação de autoformação dos militantes operários e do desenvolvimento de uma cultura operária” (Gonçalves; Silva, 2001, p. 12-13).

A particular ligação entre militantes de Portugal e Brasil adensou o papel da circulação das idéias entre esses grupos de afinidade libertária. A imigração de portugueses, espanhóis, italianos, entre outros, desde o final do século XIX, quando levas de trabalhadores e trabalhadoras partiam do “velho mundo” em direção à América, constitui largo e bem estudado capítulo. Juntamente com os trabalhadores nacionais, experimentando as dificuldades no mundo do trabalho, a exploração e a negação de direitos, foram pouco a pouco forjando pautas da luta social e, no seio destas, diversificaram e afirmaram-se as correntes políticas. Em meio à agitação operária no início do século passado, a militância libertária deitou raízes. Não foi, entretanto, um trânsito somente de pessoas. As idéias já se

punham em circulação, através do intercâmbio, dos livros, jornais, folhetos que partilhavam uma experiência social e uma expectativa em comum.

Nomes de envergadura no movimento social libertário no Brasil das primeiras décadas do século XX vieram de Portugal, como, entre tantos, Neno Vasco<sup>2</sup> e Marques da Costa, mas o caminho inverso também foi percorrido, como no caso do intelectual, jornalista e militante radical António Pinto Quartin, nascido no Rio de Janeiro e que em Portugal tornou-se um dos maiores divulgadores das idéias anarquistas, tendo fundado, colaborado, dirigido e editado diversas publicações, como *A Batalha*, órgão da Confederação Geral do Trabalho (1919), *Terra Livre* (1913), *Lúmen* (1911-1913) *Amanhã*, “revista popular de orientação racional” (1909) e a bela revista *Renovação*, “revista quinzenal de artes, literatura e actualidades” (1925-1926).

O jornalismo militante da classe trabalhadora foi fundamental na formação das consciências contestatórias. Há que lembrar que certas categorias profissionais, notadamente gráficos e tipógrafos, pela natureza de sua ocupação em permanente contato com os impressos, lograram desenvolver habilidades voltadas ao manejo dos idiomas, da tradução, da escrita correta e da composição dos textos. “Intelectuais operários” e “jornalistas da classe”, como Alexandre Vieira em Portugal e Edgard Leuenroth no Brasil, para citar apenas dois casos reconhecidos, esses trabalhadores tiveram papel de relevo na difusão de doutrinas políticas, de forma especial no âmbito da imprensa operária e libertária.

Jornais e livros operam em simbiose, em vista de um objetivo de propaganda mútua. Não apenas pela venda dos volumes, mas pela possibilidade de oferecer o próprio livro no jornal, por meio de excertos, dos folhetins, traduções, resenhas, comentários sobre as obras. Nesse sentido, compreendemos estarem intimamente ligados em seu desenvolvimento a imprensa popular e radical e as outras formas de editoração, seja por conta dos conteúdos que os informam ou por perspectivas políticas, transformações técnicas e incorporações mútuas que ambas conheceriam.

Ressalte-se que a autoeducação da classe trabalhadora desde finais do oitocentos não se fez apenas de textos doutrinários ou do jornalismo de combate voltado ao debate da propalada questão social. Entre os libertários, as leituras que davam corpo à cultura radical que opunham ao *status quo* eram sorvidas de fontes diversas. Literatura social, livre-pensamento, anticlericalismo, cientificismo, republicanism radical... A frequência com que apareciam nos jornais libertários portugueses e brasileiros epígrafes, citações ou excertos de Victor Hugo, Émile Zola, Guerra Junqueiro, Albert Camus, Ibsen, Eça de Queiroz, Gorki, Tolstoi, Dickens, Antero de Quental, entre outros, é exemplar do

---

<sup>2</sup> Sobre a militância de Neno Vasco em Portugal e no Brasil, ver: SAMIS, Alexandre. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos*. 1ª ed. Lisboa: Letra Livre, 2009.

lugar da literatura e do romance e “poesia social” na formação da consciência contestatória. O *Germinal*, de Zola, por exemplo, foi considerado um dos clássicos do movimento anarquista, lido e difundido por militantes de vários países.<sup>3</sup> Trechos de obras desses escritores, inscritos nos jornais libertários, são exemplares da compreensão filosófica e política dos anarquistas, servindo não apenas à propaganda, mas como estímulo à valorização do patrimônio cultural que entendiam favorável à causa dos trabalhadores, além de atestarem o desejo de elevação cultural, pois quantas destas leituras em círculo, nas veladas sociais, entre outros convívios, funcionaram, em concreto, como estímulo ao desejo de escrever. Nasceriam daí as peças do teatro social, a poesia do protesto, a canção revolucionária, o hino em louvor dos dias magnos da classe.

João Freire, em estudo sobre *A Sementeira*, revista publicada por Hilário Marques<sup>4</sup>, mestre caldeireiro do arsenal da Marinha, ressaltou o lugar da literatura na propaganda libertária, que gozava de espaço fixo na publicação, dando a vislumbrar o índice ampliado das leituras libertárias:

O que encontramos, sim, são os escritores realistas estrangeiros, os homens da “literatura social”, onde, uma vez mais, os autores franceses representam mais da metade dos traduzidos. Zola, Octave Mirbeau, Gorki, mas também Carlyle, Ibsen, Oscar Wilde, Sudermann, Anatole France, Bernard Lazare, Romain Rolland, Séverine e outros ocupam o lugar reservado à emoção estética da leitura, mas nem por isso divorciada das preocupações concienzadoras da revista (Freire, 1981, p. 775).

Discutindo os “usos da ficção” na autoformação de militantes operários durante o século XIX, Martyn Lyons chamou a atenção para as preferências dos trabalhadores e seus livros ficcionais. Geralmente preterindo leituras consideradas meramente recreativas, buscavam na ficção, sobretudo, os romances que discutiam problemas sociais, parecendo-lhes, assim, de proveito à formação da consciência social:

Os autodidatas tinham usos bastante específicos para os romances contemporâneos que liam. Comparavam os universos ficcionais aos seus próprios, e os julgavam de acordo com os seus próprios padrões de realismo. Geralmente, exigiam que os romancistas tomassem consciência de problemas e desigualdades

<sup>3</sup> Sobre as edições de *Germinal*, de Émile Zola em Portugal e no Brasil, ver: PONCIANO, Cláudia. *Emile Zola em português. Um estudo das traduções de Germinal no Brasil e em Portugal*. São Paulo: Annablume, 1999. Neste estudo, entre as traduções e edições da obra de Zola destacam-se aquelas feitas no âmbito do movimento anarquista, como as realizadas por Campos Lima e Jaime Brasil, para o caso das edições portuguesas. Observa-se também acerca das edições que, em análise comparativa, apresentam um número maior em Portugal, evidenciando que a circulação no Brasil de obras de Zola deverá ter sido das edições portuguesas.

<sup>4</sup> Sobre o notável trabalho de difusão das idéias libertárias realizado por Marques, anotou Vieira: “Dentre os anarquistas que saíram da classe operária foi Hilário Marques um dos que com mais inteligência e pertinácia promoveu a divulgação dos princípios libertários em Lisboa, primeiro em publicações de carácter eventual, posteriormente por intermédio da revista *A Sementeira*, que lançou em 1908 e manteve até 1919, uma das publicações mais circunspectas, sem deixar de ser penetrante, que os anarquistas portugueses editaram e na qual colaboraram os elementos de maior valia naquele sector ideológico” (VIEIRA, 1959, p. 95).

# HISTÓRIA E CULTURAS

sociais. Foi nesses termos que se apropriaram da obra de autores como Hugo e Dickens (Lyons, 1999, p. 50).

No Brasil, o sergipano Curvello de Mendonça, um dos autores de prosa de ficção de fundo anarquista, definiu seu romance *Regeneração* (1904) como “literatura útil”. De acordo com Luizetto (1984; 1986), que analisou o que chamou de “episódio literário e educacional” do movimento anarquista, a classificação de Mendonça, mesmo sem originalidade, calha para definir o conjunto das obras da mesma natureza publicadas nas primeiras décadas do século XX por escritores libertários como Fábio Luz, Avelino Fóscolo e Domingos Ribeiro Filho. Segundo Curvello de Mendonça, tal literatura tinha o deliberado objetivo de servir como arma de ação social. Com o mesmo objetivo, por certo, a Secção Editorial de *A Batalha*, deu a lume, entre 1921 e 1922, *A Novela Vermelha*, série de folhetos ao preço de 25 centavos, que apresentou romances sociais como *A Expição*, por Manuel Ribeiro, *Sangue Fidalgo*, de Nogueira Brito, *Hugo, o pintor*, de Mário Domingues e *Dôr Vitoriosa*, por Julião Quintinha, entre outros.

24



Capas de *A Novela Vermelha*, Lisboa, Secção Editorial de *A Batalha* (1921-1922)

Acervo: Plebeu Gabinete de Leituras.

O livre-pensamento e o anticlericalismo foram igualmente parte da sementeira de ideias que as leituras faziam circular seja em Portugal, seja no Brasil, presentes em catálogos de leituras, acervos de centros de estudos sociais, bibliotecas militantes e ateneus. Nos dois países, e não só, essa inflexão deve ser compreendida como parte das vicissitudes conjunturais que pontuaram a virada do século XIX e as primeiras décadas do século XX: o crescimento do movimento republicano, o

questionamento ao poder das religiões tradicionais, o avultar da crença na ciência e no progresso, a emergência de um pensamento racional e materialista e a crítica às formas tradicionais de dominação política. Como afirma Fernando Catroga (1988) para o caso do anticlericalismo em Portugal, a crítica ao poder da Igreja tornou-se indissociável dos outros aspectos da organização social que se aspirava reformar: “Cresceu o número dos que passaram a conexionar a compreensão do fenômeno clerical com a crítica à sociedade que o produzia e que servia do clericalismo como instrumento de domínio”. (p. 215)

Assim, o desejo de saber dos trabalhadores, movidos pela perspectiva do autodidatismo e da necessidade de uma formação que contraditasse a organização social vigente, fez mesclarem-se nos saraus, ateneus, bibliotecas sociais, conferências e leituras comentadas obras de Kropotkin, Proudhon, Marx, Malon, Faure; com idéias científicas que englobavam Comte, Darwin, Spencer, Haeckel, Lamarck; e páginas anticlericais de autores como Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro e Tomás da Fonseca, entre outros.

Esse suceder quase vertiginoso de autores e ideias é sintomático do lugar que as práticas de leitura ocupavam entre os anarquistas. Dos dois lados do Atlântico, foi frequente o destaque nos jornais libertários o imperativo da leitura e à divulgação e circulação de obras identificadas com as “questões sociais”, por meio de suas “Estantes Libertárias”, da elaboração de repertórios de leitura nas colunas intituladas “O que todos devem ler” ou “Leituras que recomendamos”, dos excertos de livros, traduções, comentários sobre autores, resenhas críticas e da publicação de livros ou capítulos – novos ou clássicos – à maneira de folhetim. Trata-se de um pertinaz projeto de elaboração de uma cultura literária própria, para além dos ditames da cultura dominante. O que foi publicado e o que foi anunciado permite-nos entrever o conteúdo das bibliotecas pessoais desses militantes e aquelas dos gabinetes de leitura mantidos por associações sindicais e dos centros de cultura e demais organizações nas quais transitavam.

A disposição de escapar às balizas da cultura do *status quo* remete às observações de Martin Lyons, no estudo que consagrou aos repertórios de leituras que os trabalhadores franceses elaboraram, em sua *bibliothèque populaire* ou *bibliothèque démocratique*. Lyons observa que esses repertórios fugiam às tentativas de controle dos *notables* e da *elite* religiosa, incluindo os livros de Voltaire, Rousseau, George Sand, Eugene Sue, Enfantin, Louis Blanc, Charles Fourier e Pierre-Joseph Proudhon, indicando o empenho operário na formação de “uma cultura literária própria, livre do controle da burguesia, do catolicismo ou da burocracia” (Lyons In: Cavallo; Chartier, 1999, p. 187). Caminho idêntico se deu com os libertários brasileiros e portugueses e suas práticas de leituras. Num e noutro caso, foram os impressos a possibilitar novas maneira de ler o mundo.

# HISTÓRIA E CULTURAS

**LEITURA QUE ACONSELHAMOS**

**EM PORTUGUES**

Roberto das Neves — "Curso Completo (Elementar, Médio e Superior) de Esperanto" — Cr\$ 50,00.  
P. Kropotkine — "Em volta de uma vida" (autobiografia) — Cr\$ 40,00.  
Rodolfo Rucker — "Idéias absolutistas no socialismo" — Cr\$ 18,00.  
José Otíctica — "O Anarquismo ao alcance de todos" — Cr\$ 12,00.  
Tomaz da Fonseca — "Sermões da Montanha" — Cr\$ 40,00.  
Separata dos "Sermões da Montanha" com 30 gravuras — Cr\$ 5,00.

**EM CASTELHANO**

Pompeyo Genor — "El Intelecto Helénico", História da Cultura Grega — Cr\$ 24,00.  
Franck Harris — "LA BOMBA" (A mais completa obra da Tragedia de Chicago que deu origem ao Primeiro de Maio — Livro de 300 páginas — Cr\$ 24,00.  
Felipe Alais — "El Aparecido" — Cr\$ 4,00.  
Petre Gori — Ensaos e Conferencias — Cr\$ 25,00.

"Calendário de S.I.A." — Cr\$ 11,00.  
"UNIVERSO" (Revista de Sociologia, ciência e arte, em três idiomas, espanhol, francês e italiano) — Cr\$ 7,00.

Todas estas publicações se encontram à venda na nossa Redação. Juntar mais 10% para despesas de correio.



*Leituras que Aconselhamos, Ação Direta (Rio de Janeiro, 26/5/1948)*

Acervo: Plebeu Gabinete de Leituras.

A criação de círculos de leitura em torno dos editores dos jornais foi decisiva no agrupamento dos militantes, na urdidura de vínculos entre grupos de afinidades em várias regiões de cada país e como instrumento imprescindível ao processo de autoeducação dos trabalhadores. O reconhecimento dessa valorização das práticas de leitura se pode atestar pelo espaço que ocuparam nos jornais. Em geral com dimensão modesta de quatro páginas, era usual nesta imprensa a referência ao projeto de difusão libertária por meio da circulação do livro e da leitura.

O fascínio exercido pelos livros portadores das “novas idéias”, e as práticas de leituras que as tornaram acessíveis, como se observa nas epígrafes que abrem este artigo, frequentemente nutriram os relatos de memória dos militantes libertários, no geral herdeiros de um período em que o associativismo dos trabalhadores foi marcado pela busca de aperfeiçoamento intelectual, pelo aumento da instrução e pela ampliação da fração de leitores entre as camadas populares (Hobsbawm, 1988, p. 364). E isto se explica também em razão das experiências vividas na construção do ser militante. No âmbito da cultura associativa, o jornal e o livro são elementos de coesão, de vivência em coletivos, de formação de sensibilidades nos vários modos da solidariedade e do apoio mútuo.

Nas lembranças de Jaime Cubero, intelectual, jornalista e militante do Centro de Cultura Social de São Paulo, a ânsia pelo conhecimento implicava subtrair das poucas horas que o trabalho deixava ao descanso diário o tempo da leitura e discussão das obras que lhe formavam a consciência libertária. Uma vontade de informação que deveria superar os obstáculos de natureza material na busca do conhecimento:

Quando eu tinha uns 15 anos, nós resolvemos (eu e meu cunhado) estudar anarquismo juntos, a fazer leituras comentadas. O irmão dele também era sapateiro e trabalhava na banquinha de sapateiro. Eu saía da fábrica e ia o mais rápido possível para casa, jantava e ia pra a casa dele. Tinha um quartinho onde ele trabalhava, no fundo do quintal, e ali nós ficávamos lendo. Lia um pouco, cada um comentando a leitura. Eu me lembro, aliás uma coisa que eu tenho citado em vários lugares, era o livro *Manolín*, edição de 1910. É a história de uma utopia realizada, de uma sociedade que camponeses formaram na Espanha. Havia muitos livros de propaganda na Espanha. Este livro justamente descreve uma comunidade anarquista e como eles vão resolvendo todos os problemas e aumentando a comunidade. Uma luta, uma prática direta das idéias, criava-se naquela época uma sociedade libertária. Praticamente, comecei a entrar no anarquismo por aí. O pai do meu cunhado tinha trazido da Espanha uma biblioteca. É uma coisa curiosa, no começo do século todos os militantes do movimento faziam sua pequena biblioteca em casa, tinham seus livros, colecionavam seus jornais, revistas (Cubero In: Jeremias et al., 2002, p. 110–111).

O fragmento remete a questões atinentes à história social do livro e da leitura. Destaca o ambiente modesto do ofício, o “quartinho de fundo de quintal”, prestando-se ao encontro das primeiras decifrações e experiências de ensino mútuo, pela *leitura comentada*. É necessário atentar ao esforço nessas condições da existência material: saídos de extensa jornada de trabalho, ia-se “o mais rápido o possível” em busca dos livros. Tal atitude exemplifica o processo de autoformação de muitos militantes, frequentemente dificultado pela necessidade de cedo integrar o mundo do trabalho.

O desejo de saber levava a uma busca por instrução quase compulsiva. Mas não somente a leitura; práticas específicas para potenciá-la e torná-la instrumento de sociabilidade: “Lia um pouco cada um comentando a leitura”. A compreensão das obras era também coletiva. Na memória do autodidata se afirma o lugar marcante das primeiras leituras: a “leyenda popular *Manolín*”, novela socialista escrita por Estevan Beltrán Morales, como a porta de entrada para as reflexões sobre a questão social. O *Manolín*, note-se, chegou-lhe às mãos por meio do esforço de autoformação na constituição de bibliotecas militantes, à custo organizadas e mantidas. O anarquismo entrava na pauta de leituras e discussões de Jaime, seu irmão Francisco e Liberto Lemos, nos livros que o pai deste último, o anticlerical José Lemos, trouxera na bagagem quando deixara a Espanha para buscar melhor sorte (pensava ele!) em terras brasileiras.

A invocação de Cubero ao papel da biblioteca compartilhada possibilita perceber ainda outras práticas da leitura. Os acervos militantes estavam geralmente em movimento. Para os que se dedicavam à propaganda dificilmente teria espaço a leitura individual, de acervos privados, com os livros retornando ao repouso das prateleiras depois de concluída a leitura. A aspiração da literatura militante era alcançar a mais larga circulação. Roger Chartier lembra que a propriedade do livro não dá a medida da potencialidade do acesso à leitura, uma vez que as práticas de leitura coletivas desempenham papel relevante na difusão do impresso:

[...] a posse privada do livro não apenas é precariamente registrada por inventários incompletos e apressados, mas ainda não constitui o único acesso possível ao impresso, que pode ser consultado em biblioteca ou em um gabinete de leitura, alugado em uma livraria, emprestado de um amigo, decifrado em comum na rua ou em um ateliê, lido em voz alta em público ou em reunião (Chartier, 2001, p. 77).

A biblioteca, o gabinete de leituras, a redação de um jornal proporcionava aprendizado coletivo, pela troca de experiências e de informações, pelo debate e discussão do que era lido, pelas indicações de novos autores, em vista do aprofundamento de determinado tema. “O acesso à cultura letrada”, afirma Marisa Midori Deaecto, “consiste, muitas vezes, em práticas coletivas, nas quais os meios de sociabilidade são determinantes para sua difusão” (Deaecto, 2011, p. 35).

As leituras públicas, leituras comentadas, a leitura em voz alta compõe uma página importante do processo de autoformação e educação empenhada com a transformação social que fez dos trabalhadores um agrupamento “fundamentalmente político da organização da sociedade”, como referiu Edward Thompson. Desde a figura tradicional do *lector de tabaquería*, que nas fábricas de charuto cubanas, à razão de alguns pesos, lia os jornais do dia ou romances para os demais trabalhadores enquanto trabalhavam; até as Conferências nos lugares da classe trabalhadora, que por vezes não eram senão a leitura pública de um folheto ou capítulo de livro; os trabalhadores encontraram maneiras de potencializar o conhecimento e publicizar suas idéias. Entre os libertários, as leituras comentadas surgem invariavelmente nos relatos sobre a formação política ou sobre a instrução tenazmente obtida, superando limitações de natureza vária.

Desde finais do século XIX, a leitura coletiva coexistiu com outras formas de ler, geralmente praticada em grupos majoritariamente masculinos, seja nos círculos de sociabilidade burguesa ou nos meios rurais e operários, onde era estratégia de amplificação do conhecimento. É comum em pesquisas que enfocam a leitura entre trabalhadores percebê-la, sobretudo, como ferramenta para superar as limitações impostas pelo analfabetismo. Carlos Rebelo, ao discutir a difusão da leitura pública em Portugal durante o oitocentos, anotou:

‘Leitura pública’ é outra expressão que é muitas vezes utilizada durante este período para designar as leituras colectivas feitas em voz alta, designadamente as que são praticadas nas bibliotecas populares. Muitas vezes feitas pelos próprios escritores, funcionavam também como ensaio do resultado final. Com um sentido diferente, a ‘leitura em público’ ocorria também nos meios populares, sobretudo rurais, onde o analfabetismo era mais elevado. Aí ia-se ao barbeiro ou à loja de víveres para ler a correspondência recebida:

Escrevera-te ua carta

Se tu a souberes ler;

Mas tu da-la a ler a outro

Tudo se vem a saber. (Rebelo, 2002, p. 73–74).

A “leitura pública”, entretanto, vai muito além do papel de estratégia contra o analfabetismo, de resto um estigma sobre os trabalhadores amplificado pelas estatísticas do Estado. Com E. P. Thompson aprendemos que a interdição à educação formal não impediu a classe trabalhadora de acessar conhecimentos políticos e decifrar o mundo ao redor. As leituras comentadas e leituras públicas são, antes do mais, práticas de sociabilidade. Unem as pessoas, amplificam as ideias que propagam e os laços que ligam seus ouvintes. Doutra parte, emprestam valoração ao conteúdo transmitido e aprendido, seja pela forma de exposição, seja pelo modo de quem expõe, que pode ser alguém cujo letramento simplesmente o distingue ou um militante mais experimentado que exerça papel de aglutinador.

O entendimento dos modos diferenciados de acesso aos textos é fundamental para dimensionar o projeto de difusão da cultura libertária, sobretudo por se tratar de uma tarefa informada pela perspectiva do autodidatismo, além de orientada por uma visão de mundo diferente e oposta à cultura dominante. Roger Chartier convida a problematizar as maneiras distintas de ler, salientando-lhes os característicos conjunturais:

A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros. Eis porque deve-se voltar a atenção particularmente para as maneiras de ler que desapareceram em nosso mundo contemporâneo. Por exemplo, a leitura em voz alta, em sua dupla função: comunicar o texto aos que não o sabem decifrar, mas também cimentar as formas de sociabilidade imbricadas igualmente em símbolos de privacidade – a intimidade familiar, a convivência mundana, a convivência letrada (Chartier, 1998, pp. 16-17).

Às tarefas editoriais e às campanhas de difusão das ideias através de variadas práticas de leitura, somou-se a necessidade de escrever a história do movimento anarquista no Brasil e em Portugal. Esse anseio acompanhou muitos militantes, grupos editores e organizações, que usualmente se manifestavam em favor de um trabalho de recolha de informações, anotações de histórias de vidas, levantamento de publicações e da formação de arquivos que reunissem documentos de variada tipologia sobre a trajetória do movimento. Desse paciente e continuado trabalho de pesquisa, tema constante nas cartas que cruzam o Atlântico, deveria emergir uma história das lutas sociais, uma memória e um ponto de vista próprio da atuação libertária. “Contar a própria história”, dizia respeito, antes de tudo, romper a repressão e a censura, recusar o isolamento social e superar a perspectiva institucional da história dos vencedores.

Na imprensa operária foram comuns os apelos pela recolha de documentos relativos ao associativismo dos trabalhadores, a divulgação de acervos, de centros de estudos, os levantamentos de publicações, num constante esforço para mapear edições, opúsculos, brochuras, jornais, revistas ou panfletos.

Exemplar nesse sentido foi o empenho pioneiro da revista *A Vida*, “publicação mensal anarquista”, lançada em 1914 no Rio de Janeiro. Publicada num momento de refluxo do movimento operário, motivado pela divisão entre os adeptos do sindicalismo revolucionário (aderidos à Confederação Operária Brasileira, fundada em 1906) e a tendência reformista que se abrigava na Confederação do Trabalho, fruto de um congresso realizado em 1912, *A Vida* foi obra de alguns ativos militantes anarquistas como Francisco Viotti, José Oiticica, Florentino de Carvalho, Astrojildo Pereira, Adelino de Pinho, Fábio Luz, entre outros. Logo em seu primeiro número, a revista solicitou dos leitores informações sobre o tema do associativismo dos trabalhadores, demonstrando o objetivo de reunir relatos das várias regiões do país. Sob o título “Bibliografia brasileira sobre a questão social”, perguntava:

Desde quando se escreve, no Brazil, sobre a questão social? Que livros, que folhetos, que jornais se tem publicado aqui, a respeito das doutrinas socialistas em geral?

São perguntas a que cada um de nós poderá responder parcialmente, mas a que talvez nenhum o poderá fazer de modo completo. Entretanto, se juntarmos as respostas parciais de cada, obteremos um resultado tanto quanto possível completo (*A Vida*, 30 de novembro de 1914).

Na edição seguinte, além da rubrica “Bibliografia brasileira sobre a questão social”, *A Vida* trouxe a coluna “Subsídios para a história do movimento anarquista no Brazil”, composta de relatórios e documentos, parte dos quais preparados por grupos de várias regiões do país com vistas à participação em um Congresso Anarquista Internacional. A deflagração do conflito europeu em 1914, entretanto, não permitiu a realização do certame, e o jornal passou a publicar os relatórios parciais em elaboração, iniciando com um relato sobre o movimento anarquista em Porto Alegre, que historiava a chegada na cidade dos primeiros militantes egressos da Colônia Cecília<sup>5</sup>, a sua participação no movimento operário local, a criação de grêmios e associações e a publicação de jornais (*A Vida*, 31 de dezembro de 1914).

---

<sup>5</sup> Experiência de vida comunal anarquista, a Colônia Cecília reuniu em torno de 250 habitantes, a maioria italianos, no estado do Paraná, no sul do Brasil. Fundada pelo médico veterinário e agrônomo Giovanni Rossi, membro da Associação Internacional dos Trabalhadores – AIT, Seção de Pisa, a colônia existiu entre 1890 e 1894. Sobre a Cecília, ver: ROSSI, Giovanni, *Colônia Cecília e outras utopias*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2000; Mello Neto, Cândido de. *O anarquismo experimental de Giovanni Rossi*. Ponta Grossa, Paraná: Editora UEPG, 1998; Mueller, Helena Isabel. *Flores aos Rebeldes que Falharam. Geovanni Rossi e a utopia anarquista*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

Em outros periódicos, por meio da coleta e divulgação de documentos e relatos alusivos à atividade dos libertários no Brasil, o levantamento de publicações diversas que discutiam o tema das doutrinas socialistas e, posteriormente, a publicação de memórias, ia-se constituindo, aos poucos, uma teia de informações que daria forma a uma história do anarquismo no país. A isto se somou o trabalho de pesquisadores, arquivistas e memorialistas. Um dos principais “militantes-arquivistas” do anarquismo foi Edgard Leuenroth que por muitos anos acalentou o desejo não concretizado de escrever um grande “documentário” sobre a “questão social”. Entretanto, o fundo documental que reuniu ao longo de uma vida dedicada à luta social, também por impresso, forma hoje um dos mais relevantes acervos, no Arquivo Edgard Leuenroth, sob a custódia institucional da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, no Brasil.

O anseio de tornar possível a escrita da história das lutas sociais é argumento de proa na imprensa libertária. Os artigos de fundo histórico ocuparam considerável espaço nos jornais, rememorando fatos sociais, evidenciando a tradição herdada nas biografias militantes, recompondo a trajetória de associações de trabalhadores e seus veículos de comunicação.

Da articulação da cultura libertária com noções de tempo e de memória, aos poucos emergiam relatos que transcendiam periodizações político-institucionais comuns na “história dos historiadores”. A identidade libertária se ia construindo e sendo partilhada, por jornais, revistas, folhetos, livros, conferências, à medida que se delineavam os seus marcos sociais de memória: episódio dos Mártires de Chicago e o sentido de luto/luta do Primeiro de Maio, a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1864, a Comuna de Paris de 1871, a criação da Internacional Antiautoritária em 1872, o assassinato do pedagogo anarquista espanhol Francisco Ferrer y Guardia, em 1909, a execução de Sacco e Vanzetti em 1927, a Revolução Espanhola em 1936 e a morte de Buenaventura Durruti, naquele mesmo ano, entre outros fatos. Configurava-se, assim, a elaboração de uma memória coletiva.

Cumpria avivar a memória em torno de tal legado, como compreendia José Romero – um desses militantes com pendores de arquivista – não somente para informar as vindouras gerações, mas para encorajá-los à sua continuação. Encerrando um longo artigo em que historiava a imprensa anarquista carioca desde o final do século XIX, relatando títulos e grupos editores, dizia Romero:

É com satisfação que lembramos esta parte da obra feita pelos idealistas de décadas passadas, na passagem do 10º aniversário de **Ação Direta**. Seguramente, a maioria dos que tomaram parte nessas iniciativas já se terão integrado à mãe terra; alguns passaram-se para campos opostos, mas o movimento continua e o futuro pertence-lhe.

E com a exposição acima, os novos ficam inteirados de que desde mais de meio século, sempre houve nesta metrópole semeadores do Ideal, os quais depois de 10 ou 12 horas de trabalho cotidiano em seus ofícios, ainda procuravam dispor

de algum tempo para dedicá-lo à publicação de jornais, propagando por essa forma a redenção humana. Com vontade, idealismo e dedicação muito se pode fazer (*Ação Direta*, mai/1956).

Documentos preservados por Romero foram o escopo de muitos artigos de fundo histórico nas páginas do *Ação Direta*, notadamente entre 1955 e 1957, quando abasteciam a coluna “Baú Velho” (rebatizada depois de “Baú de Lembranças”). Coletar os vestígios da trajetória libertária exigia esforço coletivo e para tal o grupo editor do jornal solicitava dos leitores a cessão de documentos com a pretensão de produzir futuros relatos. Outras vezes, militantes do movimento, interessados em narrar a “história das lutas sociais”, solicitavam auxílio na coleta de fontes documentais através do jornal, como se evidencia da nota publicada no *Ação Direta* por solicitação de Marques da Costa, desde Portugal:

### Marques da Costa (Rodolfo)

O camarada Marques da Costa (Rodolfo), antigo militante de nosso movimento operário e anarquista, atualmente residente em Portugal, tendo sido violentamente privado de sua biblioteca e de seu arquivo, que se viu forçado a abandonar em Madrid, durante a Guerra da Espanha, pede, àqueles que possam e queiram fazê-lo, o favor de lhe facilitarem a aquisição das coleções ou números soltos, dos jornais **A Revolta** (Pará, 1919-20) e **Voz do Trabalhador** (Pará, 1920), a revista **Renovação** (Rio de Janeiro, 1921) e o jornal **O Trabalhador** (Rio de Janeiro, 1922-23), publicações com as quais pretende realizar trabalho referente ao movimento operário no Brasil (*Ação Direta*, 16 de maio de 1947).

Jornalista-operário nascido em Portugal, Marques da Costa chegou ao Brasil em 1917. No Pará, participou ativamente da organização de sindicatos de resistência e da imprensa operária naquele estado. Dirigiu o jornal *A Revolta* e depois *O Trabalhador*, órgão da Federação Operária do Pará. Após transferir-se para o Rio de Janeiro, tornou-se secretário da Federação Operária do Rio de Janeiro e coordenou o *Voz do Povo*. Entre 1922 e 1924, foi o responsável pela seção trabalhista do jornal *A Pátria*, onde defendeu os sindicatos revolucionários dos ataques governamentais e dos bolchevistas do recém-criado Partido Comunista Brasileiro (Rodrigues, 1997, p. 33-54; SAMIS, 2004).

No início dos anos 1960, em correspondência com o patricio Edgar Rodrigues, que então iniciava sua atividade de pesquisador do movimento libertário, Marques da Costa chamava atenção para a necessidade de pesquisa e publicação de dados históricos acerca das lutas sociais e do anarquismo no Brasil. Ao mencionar as dificuldades que enfrentara na coleta dos documentos históricos, Costa lembrava que eram raros, em Portugal e no Brasil, os esforços para a escrita sobre o movimento:

[...] Gostei imenso de ver que tens possibilidade para uma tão intensa atividade jornalística e editorial – e ainda mais satisfeito ao verificar que te vens ocupando

da história do nosso movimento operário e libertário brasileiro. Francamente, nunca tive a veleidade de poder dar grande contribuição intelectual para um trabalho desse gênero, mas sempre desejei que alguém aparecesse para o executar. Edgar Leuenroth era, sem dúvida, quem estava à altura e em condições de o ter iniciado – e quer-me parecer que chegou a trabalhar nesse sentido, ali pelos anos 20. Outro camarada nosso, de muito prestígio e com possibilidades suficientes, teria sido o velho anarquista Florentino de Carvalho (Primitivo Soares) – o que não quer dizer que não houvesse mais ninguém que pudesse incumbir-se desse inestimável trabalho. Houve sempre uma grande falta de valores positivos, intelectualmente falando, no movimento operário e anarquista de muitos países; e Portugal e Brasil sofreram e estão sofrendo enormemente os efeitos dessa carência de recursos, como da falta de iniciativa. Militantes com extraordinárias faculdades de trabalho noutros aspectos, como a propaganda das idéias, combate, polêmicas, organização etc., tinhamo-los de certo. Era uma satisfação podermos contar sempre com suficiente número de participantes ativos para qualquer manifestação que tentássemos levar por diante. Mas já não se pode dizer o mesmo respeitante a trabalho de investigação e recolha de elementos para a história, e menos ainda quanto ao que se refere à concatenação, coordenação e publicação de dados históricos mais ou menos definitivos do nosso movimento e das nossas atividades.[...] (Rodrigues, 1997, pp.40-41).

Mais de duas décadas depois do apelo da Marques da Costa nas páginas do *Ação Direta* em prol da pesquisa histórica sobre o anarquismo era a vez de Edgar Rodrigues, através d'*O Protesto*, lançar-se à pesquisa e arquivamento de documentos referentes às lutas operárias e ao movimento anarquista que deu ensejo à sua vasta obra:

### **Pesquisa para a História das Lutas Sociais no Brasil**

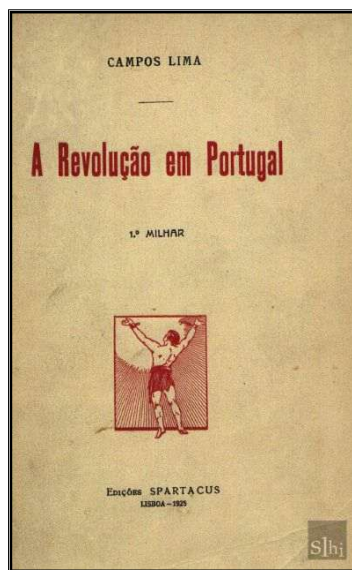
Pede-se a todos os leitores de nosso jornal, que tenham jornais, folhêtos, livros, atas de reuniões, manifestos, cartas e fotografias de comícios, congressos e reuniões, do movimento anarco-sindicalista, anti-clerical, socialista e de teatro social (aqui se compreende o teatro feito por operários e anarquistas) que queiram ceder ou vender, escrever ou enviar para E. Rodrigues, Cx. Postal 62, Agência da Lapa, Rio de Janeiro, GB (O Protesto, abr/1968).

O trabalho de pesquisa de Edgar Rodrigues frutificou e cruzou décadas. Adquirindo material em sebos e alfarrabistas, em Portugal e no Brasil, entrevistando velhos militantes, juntando livros fora de catálogo, reunindo folhetos, brochuras, panfletos, convocatórias, o pesquisador constituiu um arquivo pessoal que resultaria na produção de mais de sessenta livros sobre o anarquismo, as lutas operárias e antifascistas em Portugal e no Brasil, além de incontáveis artigos em jornais e revistas de vários países.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Sobre a vida e a obra de Edgar Rodrigues ver: ADDOR, Carlos Augusto. *Um Homem Vale Um Homem*. Memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012; ALANIZ, Anna Gicelle Garcia. *A Sementeira de Idéias. Edgar Rodrigues, uma vida dedicada à memória anarquista*. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 2009; JEREMIAS, Marcolino et alli (orgs.) *Três Depoimentos Libertários: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero, Diego Gimenez Moreno*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002; RODRIGUES, Edgar. *Lembranças*

A criação de editoras por iniciativa de indivíduos ou agrupamentos anarquistas, fossem elas comerciais ou militantes, foi uma tentativa constante em Portugal e no Brasil, embora com dificuldades. Exemplos desse tipo de iniciativa editorial merecem destaque, como o labor de Dias da Silva em Portugal, que no começo do século XX editou várias obras de autores anarquistas, entre as quais *Em Volta Duma Vida*, de Piotr Kropotkin, declarando que todos os recursos obtidos com a venda dos livros seriam reempregados na edição de novas obras e na propaganda anarquista. Hilário Marques fez de *A Sementeira*, além da revista que publicava mensalmente, uma editorial de atividade larga, publicando, entre tantos títulos, os folhetos *Aos Camponeses*, de Ricardo Mella (1910), *Em Tempo de Eleições*, de Malatesta (1915) e *O sentido em que somos anarquistas*, de Bakunin (1925). Na Lisboa dos anos 1920, Campos Lima fundou a *Edições Spartacus*, na qual o advogado anarquista “compunha e imprimia, numa tipografia artesanal, os livros que escrevia ou traduzia” (Gonçalves; Silva, 2001, p. 32). Na mesma década, as *Edições de A Batalha* pugnavam pela vulgarização das idéias libertárias.



Capa de *A Revolução em Portugal* (Edições Spartacus, 1925), de Campos Lima.  
Acervo: Seminário Livre de História das Idéias. Universidade Nova de Lisboa.

No Brasil, o desejo de criação de editoras foi comum a várias agrupações militantes. Algumas vezes, o grupo editor de um jornal publicava, como o faziam os congêneres portugueses, livros ou brochuras utilizando o nome do periódico como responsável pela edição. Assim coube ao ensaio *O*

---

*Incompletas*. Guarujá: Opúsculo Libertário, 2007, GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson. Edgar Rodrigues: dedicação e compromisso social. In: *Trajetos*. Revista de História UFC. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002.

*Comunismo Anárquico*, de Kropotkin, editado em São Paulo pelo jornal *Terra Livre* em 1908, e ao folheto *Contra a Imigração*, de Oreste Ristori, publicado em 1906 como edição de *La Battaglia*.

Outras vezes, era um agrupamento específico o responsável pela edição, como a Liga Anticlerical do Rio de Janeiro que publicou em 1912 *A Internacional Negra*, de Fábio Luz, e *Clero e Estado*, de Maria Lacerda de Moura, em 1931. *A Moral Anarquista*, de Kropotkin, saiu em 1920 com o selo da *Biblioteca de Estudos Sociais*. A *Mundo Livre* publicou *A questão Social: O Humanismo Libertário em Face da Ciência*, de Kropotkin, em 1913 no Rio de Janeiro e a *Prometheu* editou o mesmo título em São Paulo, na primeira metade dos anos 1930. Mesmo com escassas informações sobre as duas últimas, é provável terem sido iniciativas do movimento libertário.

Nos anos 1920, Rodolpho Felipe foi o principal responsável pela criação da *Biblioteca Social A Inovadora*, situada na Ladeira do Carmo no centro de São Paulo. A Biblioteca abria suas portas de 8 às 21h e “funcionava como gabinete de leitura, realizando empréstimos e venda de livros e jornais” (PARRA, 2014, p. 142). Nas páginas d’*A Plebe*, o militante anarquista Rodolpho Felipe convidava o público em geral a conhecer a *Biblioteca Social A Inovadora*:

### **Biblioteca Social A Inovadora**

Os camaradas, simpatizantes e amigos do estudo da literatura social devem visitar a sede desta biblioteca, situada na Ladeira do Carmo, 3, e que se acha aberta das 8 da manhã até às 9 da noite. Os companheiros do interior podem pedir os seus catálogos, que serão prontamente atendidos, a Rodolpho Felipe, caixa postal 195, S. Paulo (*A Plebe*, São Paulo/SP, 7 out. 1922).

A iniciativa editorial de Rodolpho Felipe com a *Biblioteca Social A Inovadora* teve continuação com a criação da Editorial *A Sementeira*, na primeira metade dos anos 1930, que suspendeu suas atividades em virtude da ditadura do Estado Novo. Somente após a deposição de Vargas novas organizações editoriais anarquistas tomariam forma. Coube a Roberto das Neves<sup>7</sup>, português exilado no Brasil, uma das mais significativas páginas da história da circulação de livros e leituras libertárias nesse ressurgimento.

Poeta, antifascista e esperantista militante, Neves criou em 1948 a *Editora Germinal*, que animou até o fim de seus dias, voltada à edição e distribuição de obras libertárias e de oposição à ditadura salazarista em Portugal. Ao longo de mais de três décadas, a *Germinal* publicou e comercializou, em vernáculo e em esperanto, dezenas de livros, dentre os quais se destacavam as

---

<sup>7</sup> A trajetória de Roberto das Neves foi objeto de recente tese de doutoramento. Ver: BRAGA, Francisco Vítor Pereira. “ASSIM CANTAVA UM CIDADÃO DO MUNDO”: DIMENSÕES DA TRAJETÓRIA DE ROBERTO DAS NEVES. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2022.

temáticas do livre-pensamento e do antisalazarismo. Editor antifascista no exílio, Neves desafiou a censura e a repressão em Portugal, para onde enviava clandestinamente obras de sua editora. Algumas dessas, como *Fátima* (Cartas ao Cardeal Cerejeira), do anticlerical português Tomás da Fonseca, publicado em 1955, entravam automaticamente no *index* de obras censuradas. Em despacho de 12 de novembro de 1956, da “Direcção dos Serviços de Censura”, o livro foi liminarmente proibido após leitura do próprio diretor do departamento e sumariamente proscrito, por meio de relatório que dispensou justificativas ou quaisquer comentários à obra.<sup>8</sup>

A *Editora Germinal* desempenhou um papel importante no projeto de difusão de ideias, tendo sido a principal iniciativa editorial dos libertários no Brasil na segunda metade do século XX. No papel de casa editora, publicando obras que dificilmente chegariam aos leitores brasileiros de outra forma; mas igualmente na função “livreira”, distribuindo obras nacionais e estrangeiras, em vários idiomas – o esperanto incluído – por todo o Brasil e também para Portugal.

A circulação de livros e leituras libertárias, da qual aqui destacamos alguns aspectos, foram centrais na intervenção social dos anarquistas e constituem elementos fundamentais à compreensão da concepção anarquista da mudança social, que implica numa alteração de sensibilidades, dos valores e das atitudes que permitisse criar relações sociais solidárias e anti-hierárquicas.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Francisco Victor Pereira. “**ASSIM CANTAVA UM CIDADÃO DO MUNDO**”: DIMENSÕES DA TRAJETÓRIA DE ROBERTO DAS NEVES. Tese de Doutorado em História Social. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2022.

CATROGA, Fernando. O Laicismo e a Questão Religiosa em Portugal (1865-1911). In: **Análise Social**. Revista do Instituto de Ciências Sociais de Lisboa. Vol. XXIV (1.º), 1988 (n.º 100), pp. 211-273.

CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

---

<sup>8</sup> Cópia deste relatório foi reproduzida em edição fac-similar do livro em Portugal. Ver: FONSECA, Tomás da. *Fátima. Cartas do Cardeal Cerejeira*. Lisboa: A Bela e o Monstro Edições, 2014.

# HISTÓRIA E CULTURAS

DEAECTO, Marisa Midori. **O Império dos Livros**. Instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2011.

FOOT HARDMAN, Francisco. **Nem Pátria, Nem Patrão**. (*Memória operária, cultura e literatura no Brasil*). Terceira edição, revista e ampliada, São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

FREIRE, João. “A Sementeira” do arsenalista Hilário Marques. **Análise Social**. Revista do Instituto de Ciências Sociais de Lisboa, vol.XVII (67-68), 1981-3, pp. 767-826.

GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: Vértice, 1988.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson. Edgar Rodrigues: dedicação e compromisso social. *In: Trajetos*. Revista de História UFC. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson. **Para Além das Leituras do Brasil e de Portugal: uma Escrita da Rebelião e da Contestação em Maria Lacerda de Moura** In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et alli (orgs.) *História da Educação. República, Escola, Religião*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. **A Bibliografia Libertária: O Anarquismo em Língua Portuguesa**. São Paulo: Imaginário, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JEREMIAS, Marcolino et alli (orgs.) **Três Depoimentos Libertários: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero, Diego Gimenez Moreno**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

LITVAK, Lily. **Musa libertaria - arte, literatura y vida social del anarquismo español (1880-1913)**. Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2001.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. **Presença do Anarquismo no Brasil: Um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920**. São Carlos: Tese de Doutorado – USP, 1984.

LYONS, Martyn. Os Novos leitores do século XIX: mulheres, crianças e operários. In: CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (orgs.) **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Ática, 1999, pp. 165-202.

37

PARRA, Lúcia Silva. **Leituras Libertárias**: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Filosofia – Universidade de São Paulo, 2014.

PONCIANO, Cláudia. **Emile Zola em português**. Um estudo das traduções de *Germinal* no Brasil e em Portugal. São Paulo: Annablume, 1999.

REBELO, Carlos Alberto. **A Difusão da Leitura Pública**: as bibliotecas populares (1870-1910). Porto: Campo das Letras, 2002.

RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros – Vol. 3**. Florianópolis: Insular, 1997.

SAMIS, Alexandre. Pavilhão Negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo et alli. **História do Movimento Operário Revolucionário**. São Paulo: Ed. Imaginário/ São Caetano do Sul: IMES – Observatório de Políticas Sociais, 2004.

VALVERDE, Antonio José Romera. **Pedagogia Libertária e Autodidatismo**. Tese de Doutorado em Educação. Campinas: Universidade Estadual da Campinas. Faculdade de Educação. 1996.

VALVERDE, Antonio José Romera. Socialismo Libertário, educação e autodidatismo: entrevista-depoimento com Jaime Cubero. In: **Educação e Pesquisa**. Revista da Faculdade de Educação da USP. São Paulo: Volume 34, Nº 2, pp. 393-408, maio/agosto de 2007.

VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em papel e tinta**: imprensa, edição e cultura libertária (1945-1968). Tese de Doutorado em História Social. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

VIEIRA, Alexandre. **Figuras Gradadas do Movimento Social Português**. Lisboa: Edição do Autor, 1959.

VIEIRA, Alexandre. **Em Volta da Minha Profissão**. Subsídios para a história do movimento operário no Portugal continental. Lisboa: Edição do Autor, 1950.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: 1780-1950. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.